

Globethics Repository



A síndrome de Titanic e os seus medos [

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Bauman, Zygmunt
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-17 01:46:24
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162529

A síndrome de Titanic e os seus medos

Entrevista com Zygmunt Bauman



Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à *IHU On-Line* nesta semana, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman afirmou que “a *síndrome de Titanic* é o horror de cair através da *crosta fina* da civilização nesse vazio despido dos *pontos elementares da vida organizada, civilizada*.” E continua: “Os medos que emanam da *síndrome de Titanic* são os medos de um colapso ou catástrofe que possa cair sobre todos nós, atingindo cega e indiscriminadamente. Existem, entretanto, outros medos não menos horrorizantes: medo de ser o único

pego do meio da alegre multidão e condenado a sofrer sozinho enquanto todos os outros continuam a viver suas fantasias; medo de uma catástrofe pessoal; medo de tornar-se um alvo; medo de cair fora ou ser jogado para fora de um veículo em movimento, enquanto os demais passageiros, com seus cintos de segurança bem afivelados, acham a viagem ainda mais divertida; medo de ser deixado para trás; medo de exclusão.” Bauman tornou-se conhecido no final dos anos 80, através de estudos nos quais conectava a cultura da modernidade e o totalitarismo, especialmente o nacional-socialismo alemão e o Holocausto. Suas publicações recentes enfocam a passagem da modernidade para a pós-modernidade, e os conflitos éticos que cercam esse movimento. Recentemente, o sociólogo substituiu seus conceitos de modernidade e pós-modernidade por “sólido” e “líquido”, respectivamente. De seus livros, os seguintes estão publicados em língua portuguesa: *Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre o senso comum e emancipação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977; *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998; *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000; *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 e *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

IHU On-Line - Em vários de seus livros, o senhor fala sobre a vulnerabilidade da vida humana na contemporaneidade. Quais são as principais manifestações dessa vulnerabilidade?

Zygmunt Bauman - Muitos anos atrás e alguns anos antes do 11 de setembro¹², do Tsunami, do Katrina e do terrível aumento nos preços do petróleo, que os seguiu (mesmo se piedosamente efêmero, no entanto), terem fornecido situações tão chocantes para que se acordasse e se tornasse sóbrio, Jacques Attali¹³ ponderou a respeito do triunfo financeiro do filme *Titanic*, que suplantou todos os recordes de bilheteria de filmes de tragédia aparentemente similares. Ele então deu a seguinte explicação – impressionantemente aceitável, quando foi escrita, mas alguns anos depois soando como não muito profética: “O *Titanic* somos nós, nossa triunfalista, auto-aduladora, cega e hipócrita sociedade, que impiedosamente vai em direção à sua pobreza – uma sociedade onde tudo é previsto, exceto o significado da previsão... Nós todos adivinhamos que há um *iceberg* à nossa espera, escondido em algum lugar num futuro misterioso, no qual todos iremos bater e então afundar aos sons da música”¹⁴...

¹² 11 de setembro de 2001: membros do grupo islâmico Al-Qaeda seqüestraram quatro aeronaves, fazendo duas colidirem contra as duas torres do World Trade Center, em Manhattan, Nova Iorque, e uma terceira contra o quartel general do departamento de defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, na Virgínia, próximo à capital dos Estados Unidos, Washington. O quarto avião seqüestrado foi intencionalmente derrubado em um campo próximo a Shanksville, Pensilvânia, após os passageiros enfrentarem os terroristas. Esse foi o primeiro ataque letal de uma força estrangeira em território americano desde a Guerra de 1812. O saldo de mortos aproxima-se de 3 mil pessoas. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ Veja Jacques Attali, *Le „Titanic“, le mondial et nous*, *Le Monde*, 3 July 1998. (Nota do Entrevistado)

¹⁴ A expressão usada por Attali tem sentido tanto se pensarmos em “deixar-se levar pela música”

Doce música que era relaxante e ao mesmo tempo revigorante... Música viva, música em tempo real. Últimos *hits*, grandes celebridades, músicos. Sons reverberantes que ensurdecem, estroboscópicas luzes que cegam, tornando inaudíveis os sussurros fracos dos maus pressentimentos e invisível a enormidade dos majestosamente silenciosos icebergs. Sim, *icebergs* – não um *iceberg*, mas muitos, provavelmente demais para que pudessem ser contados.

Os diversos *icebergs*

Attali¹⁵ nomeou vários: financeiro, nuclear, ecológico, social (tendo o último como a perspectiva de três bilhões de “redundantes”¹⁶ na população do Planeta). Escrevendo agora, em 2006, ele certamente aumentaria a lista – reservando lugar de destaque para o “*iceberg* terrorista” ou o “*iceberg* fundamentalista religioso”. Ou, e talvez mais provável, o *iceberg* da “implosão da civilização” – que recentemente vem chamando a atenção nas conseqüências das aventuras militares do meio-leste ou na visita do Katrina a Nova Orleans, numa espécie de ensaio com figurino¹⁷,

quanto se lembrarmos do fato de que, enquanto o *Titanic* afundava, com seus muitos passageiros em desespero, tentando conseguir um lugar nos insuficientes botes salva-vidas, um grupo de músicos continuava a tocar, mantendo na tragédia histórica a mesma “aura” de classe e “bom gosto” que se manteve durante a viagem, antes do acidente com o *iceberg*. (N. do T.)

¹⁵ Jacques Attali (1943): economista francês e escritor profícuo sobre diversos temas, incluindo sociologia mas também romances, biografias e até mesmo livros infantis. Destacou-se também por ter sido conselheiro de François Mitterrand com apenas 27 anos. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ “Redundantes” refere-se às “sobras” do mundo moderno, às vidas inúteis de que fala Bauman em *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (N. do T.)

¹⁷ A expressão “ensaio com figurino” é usada também no português e refere-se ao(s) último(s) ensaio de uma peça teatral ou performance, quando os atores já usam seus figurinos de cena, o que serve de teste para os figurinos e de reforço para a introjeção do “espírito” da história encenada

e em toda sua feiúra e repugnante monstruosidade.

Implosão, não *explosão*, tão diferente na forma como os medos do “colapso da ordem civilizada” que acompanham nossos ancestrais pelo menos desde que Hobbes¹⁸ proclamou o *bellum omnium contra omnes*¹⁹ como o “estado natural” da humanidade, tendem a ser articulados durante a fase “sólida”²⁰ da era moderna.

A catástrofe por negligência

Alguns anos antes do Katrina aportar na costa norte-americana, Jean-Pierre Dupuy²¹ encontrou um nome para o que estava para acontecer: “o irrupção do possível no impossível”. E ele alertou: para prevenir uma catástrofe, é preciso antes acreditar na possibilidade de catástrofe. É preciso acreditar que o impossível é possível. Que o possível sempre prega peças, incansavelmente,

e dos próprios personagens representados. (N. do T.)

¹⁸ Thomas Hobbes (1588 – 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford. Ele foi secretário de Sir Francis Bacon. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ “*Bellum omnium contra omnes*” vem do latim e significa *Luta de todos contra todos*, que é a existência humana em seu estado natural descrita por Thomas Hobbes. (N. do T.)

²⁰ Bauman, quando cita o “estado sólido” de uma era, está fazendo uma referência ao seu contraponto, uma de suas teorias mais conhecidas, a *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001. (N. do T.)

²¹ Jean-Pierre Dupuy: filósofo francês, dirige o Centre de Recherche en Épistémologie Appliquée (CREA), da Escola Politécnica de Paris, onde é também professor. É diretor de pesquisas do CNRS, professor visitante da Universidade de Stanford (Califórnia) e autor de numerosas obras, entre as quais, *Le sacrifice et l'envie* (Calmann-Lévy) e *Introduction aux sciences sociales* (Ellipses), ambas de 1992. Escreveu *Pour un catastrophisme éclairé: quand l'impossible est certain*, Seuil 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

dentro da carapaça de proteção da impossibilidade que ele espera para irromper.

Nenhum perigo é tão sinistro e nenhuma catástrofe bate tão forte quanto aquelas que são vistas como de probabilidade negligenciável; pensar nelas como improváveis ou não pensar nelas de jeito nenhum é a desculpa para não fazer algo para pará-las antes que cheguem ao ponto em que o improvável torna-se realidade e de repente é tarde demais para amortecer seu impacto, deixá-la em paz para prevenir sua chegada. E, no entanto, é o que estamos fazendo (não fazendo, na verdade) diariamente, sem pensar. “A atual situação nos mostra”, observa Dupuy²², “que o anúncio de uma catástrofe não produz nenhuma mudança visível, nem em nossa conduta, nem em nosso modo de pensar. Mesmo quando são informadas, as pessoas não acreditam naquilo que aprenderam.”. Ele cita Corinne Lepage²³: “A mente rejeita (tal anúncio), dizendo a si mesma que isso simplesmente não é possível.”. E conclui: “O mais incrível obstáculo para a prevenção de uma catástrofe é a descrença...”

Apocalipse no mundo civilizado

O *Apocalypse Now*²⁴ (essa exata expressão é um desafio para nossa idéia de probabilidade) foi encenado outra vez. Não em uma sala de cinema ou na sala da imaginação, mas nas ruas do centro de uma grande cidade norte-americana. “Não em Bagdá, não em Ruanda, aqui” - é assim que Dan Barry,

²² *Pour un catastrophisme éclairé*, p.143. (Nota do Entrevistado)

²³ Corinne Lepage & François Guery. *La politique de précaution*. Paris: PUF, 2001, p.16. (Nota do Entrevistado)

²⁴ A expressão significa, literalmente, “Apocalipse agora”, porém permanece em inglês pois é mais conhecida no original, devido ao filme homônimo de Francis Ford Coppola, lançado em 1979 e baseado no livro *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad. (N. do T.)

o autor da reportagem de uma cidade onde o impossível demonstrou encontrar-se ao lado do possível, impondo a novidade da produção. O Apocalipse não aconteceu na longínqua floresta tropical do Vietnã desta vez, onde aconteceu a locação original de *Apocalypse Now*, e não nas escuras costas do mais escuro dos continentes, onde Conrad situou seu “coração da escuridão”²⁵ para fazer sua mensagem legível aos seus leitores civilizados – mas aqui, no coração do mundo civilizado, em uma cidade aclamada por sua beleza e *joie de vivre*²⁶ e ainda, até poucos dias atrás, um ímã para milhões de turistas, que correm mundo em busca de deleites da grande arte e entretenimento da alta-classe – alguns dos mais glorificados e mais ansiados presentes das forças criativas da civilização.

Katrina: o tremor da civilização

O Katrina abriu o segredo mais bem guardado da civilização: que – como vividamente colocou Timothy Garton Ash, sob o título que já diz tudo *Está sempre abaixo*²⁷ – “a crosta de civilização em que pisamos é sempre fina. Um tremor, e você caiu, arranhando e lutando por sua vida como um cão selvagem”.

“Não posso evitar o sentimento de que haverá mais disso, muito mais disso, conforme avançarmos pelo século XXI. Existem simplesmente problemas demais aparecendo que poderiam empurrar a humanidade para trás... Se grandes partes do mundo são atormentadas por tempestades, inundações e mudanças de temperatura imprevisíveis, então o que aconteceu em Nova Orleans pareceria com um chá das cinco. Em certo sentido, esses podem ser

também furacões sintéticos²⁸ (“as consequências de os Estados Unidos continuarem a bombear dióxido de carbono como se não houvesse amanhã”). Também há mais ameaças diretas de humanos para outros humanos... Suponha que haja uma bomba suja²⁹ ou mesmo uma pequena arma nuclear detonada por um grupo terrorista numa grande cidade. E então?”

A descivilização

Perguntas retóricas, certamente. A mensagem de Ash é que a ameaça da “descivilização” (um termo que Ash encontrou em uma das novelas de Jack London³⁰) é assustadoramente real: “Remova os pontos elementares da vida organizada, civilizada – comida, abrigo, água potável, segurança pessoal mínima – e retrocederemos dentro de algumas horas ao estado hobbesiano de natureza, a guerra de todos contra todos”.

Poderia ser discutido com Ash se há tal “estado de natureza” ao qual poderíamos voltar, ou se a famosa “guerra de todos contra todos” é na verdade uma condição que surge no extremo oposto do “processo civilizatório”, o momento em que a “crosta fina” é quebrada pelo choque de uma catástrofe natural, ou produzida pelo homem.

Se há mesmo uma “segunda linha de trincheiras”, de qualquer modo encharcada, lamacenta, fedorenta e de alguma maneira inóspita aos seres humanos, na qual seres humanos bem cuidados pela e para a “vida civilizada” podem cair, uma vez que seu *habitat* “natural-secundário” implode. Ou se um dos aspectos integrantes do processo civilizatório é, na verdade, exatamente

²⁵ *Heart of darkness*, no original, título do livro. Ver nota anterior. (N. do T.)

²⁶ Expressão francesa que significa “alegria de viver” literalmente, “vivacidade”. (N. do T.)

²⁷ Timothy Garton Ash, ‘It always lies below’, *The Guardian* 8 September 2005. (Nota do Entrevistado)

²⁸ Aqui, sintético tem o sentido de não natural, feito pelo homem, produzido artificialmente. (N. do T.)

²⁹ **Dirty bomb**: ou Dispositivo de Dispersão Radiológica, uma arma radiológica que combina material radiativo com explosivos convencionais. Fonte: *Wikipedia*. (N. do T.)

³⁰ **Jack London**: Escritor norte-americano, autor de *O lobo do mar*, *Chamado selvagem* e *Caninos brancos*. (N. do T.)

uma intenção oposta: prevenir o “passo para trás”, fazendo seus objetos humanos “viciados em civilização” e assim “dependentes da civilização”, enquanto os destitui de todas as habilidades alternativas que permitiriam a co-habitação humana no caso de o verniz das maneiras civilizadas ser lavado, isto é, embora, eu admito, um tanto pequeno, “superficialmente” pedante até – crucial talvez para os filósofos da cultura, mas de grande ausência de, e irrelevante também, do assunto em discussão; o assunto que, eu sugeriria, seria melhor descrito como “o complexo de Titanic”, ou “síndrome de Titanic”.

Síndrome de Titanic

A “síndrome de Titanic” é o horror de cair através da “crosta fina” da civilização nesse vazio despido dos “pontos elementares da vida organizada, civilizada” (“civilizada” precisamente porque “organizada” – rotina, previsibilidade, balançando o lembrete com o repertório comportamental). Caindo sozinho ou acompanhado – mas de qualquer maneira sendo *expelido* do mundo onde “pontos elementares” seguem sendo fornecidos e de um poder dominante com o qual se pode contar. O principal (embora mudo) *ator* na história do Titanic, como sabemos, foi o iceberg. Não o *iceberg*, embora, esperando “lá fora” em emboscada, tenha sido o *horror* que carrega a história para longe da massa de histórias similares de horror/desastre – mas todos esses crimes que aconteceram “aqui”, nas entranhas do luxuoso cruzador³¹ – como, por exemplo, falta de um plano sensível e funcional para evacuar e salvar os passageiros de um navio afundando, ou a aguda falta de botes salva-vidas ou cintos de segurança; algo para o qual o *iceberg* “lá fora”, em um ponto de uma noite subártica, tendo

³¹ “Cruiser”, no original, é um navio de guerra. (N. do T.)

servido somente como um catalisador e um papel tornassol³². Esse “algo” que “*sempre* está abaixo”, mas espera até que pulemos nas águas congelantes do subártico para encarar o vazio. Algo de horrível demais para permanecer escondido a maior parte do tempo (talvez *todo* o tempo) e assim pegando suas vítimas de surpresa, quando rastejam para fora de sua toca e sempre pegando-as despreparadas e sem condições de fugir.

A civilização vulnerável

Escondido? Sim, mas nunca muito afastado. A civilização é vulnerável; está sempre a um passo do inferno. Como comoventemente pronunciado por Stephen Graham³³, nós “nos tornamos dependentes dos sistemas complexos e distantes de manutenção da vida”, e assim mesmo “pequenos rompimentos e incapacidades podem ter efeitos-cascata enormes na vida social, econômica e ambiental” - especialmente nas cidades, onde a maior parte das pessoas vivem – lugares “extremamente vulneráveis a distúrbios externos”. “Mais do que nunca, o colapso das matrizes de estruturas urbanas em funcionamento agora traz pânico da avaria da ordem social urbana em funcionamento.” Ou, como Martin Pawley³⁴, citado por Graham, disse: “O medo do deslocamento dos serviços urbanos em escala massiva” é agora “endêmico nas

³² Um papel embebido em uma solução de litmus, que serve para testes de pH: o papel fica azul quando submetido a soluções alcalinas e vermelho quando submetido a soluções ácidas. Metaforicamente, refere-se a uma situação na qual um fator, um detalhe, muda todo o curso da resposta, do problema, ou da história. (N. do T.)

³³ Ver GRAHAM, Stephen. *Switching cities off; Urban infrastructure and US air power*. City 2/2005, pp.169-194. (Nota do Entrevistado)

³⁴ **Martin Pawley**: escritor e crítico renomado de arquitetura. Estudou arquitetura nas Beaux-Arts do DES de Ecole Nationale Supérieure, em Paris, e na associação Architectural, Londres. (Nota da *IHU On-Line*)

populações de todas as grandes cidades”³⁵.

Endêmico... Parte da vida diária. Sem necessidade de uma grande catástrofe, como um pequeno acidente fará para pôr em movimento um “deslocamento massivo”. Catástrofes podem chegar sem aviso – não haverá nenhuma trombeta avisando de que os irrefutáveis muros de Jericó estão prestes a despencar. Há razões mais que suficientes para temer – e portanto razões mais que suficientes para se imergir nos sons da música suficientemente alta para sufocar o som das paredes se quebrando.

Medo da catástrofe

Os medos que emanam da *síndrome de Titanic* são os medos de um colapso ou catástrofe que possa cair *sobre todos nós*, atingindo cega e indiscriminadamente, randomicamente sem rima e sem razão, encontrando *todos* despreparados e indefesos. Existem, entretanto, outros medos não menos horrorizantes: medo de ser o *único* pego do meio da alegre multidão e condenado a sofrer *sozinho* enquanto todos os outros continuam a viver suas fantasias; medo de uma catástrofe *pessoal*; medo de tornar-se um alvo; medo de cair fora ou ser jogado para fora de um veículo em movimento, enquanto os demais passageiros, com seus cintos de segurança bem afivelados, acham a viagem ainda mais divertida; medo de ser deixado para trás; medo de *exclusão*.

Tais medos não são totalmente imaginários, podemos experimentar na maior autoridade da mídia que estabelece – visivelmente, tangivelmente – aquilo que não vemos nem tocamos. *Reality shows*, essas versões da era moderna líquida dos antigos “jogos/peças da moralidade”³⁶,

³⁵ Martin Pawley, *Terminal Architecture*, Reaktion 1997, p.162. (Nota do Entrevistado)

³⁶ “Jogos/peças da moralidade” eram (nos séculos XV e XVI) um tipo de alegoria teatral onde personagens, interpretando atributos morais,

garantindo diariamente a áspera realidade dos medos. Como sugerido pelo seu suposto nome, um nome aceito pelos espectadores e questionado apenas por uns poucos moralistas pedantes, o que é mostrado é real; mais importante do que isso, entretanto, também é sugerido que “real” é o que eles mostram. E o que é mostrado é a inevitabilidade da exclusão e a luta contra ser excluído, e é nisso que se resume essa realidade. Os *reality shows* não precisam impor esta mensagem: a maioria dos espectadores já *conhece* esta verdade; e é precisamente esta familiaridade já enraizada que os leva em massa às telas.

A mediação das câmeras

Enquanto isso ocorre, tendemos a encontrar um agradável conforto em ouvir canções que sabemos de cor. E tendemos a acreditar no que *vemos* muito mais do que tendemos a confiar naquilo que *ouvimos*. Pensemos na diferença entre “testemunha ocular” e um “mero rumor” (já ouvimos falar em “testemunha auditiva” ou “mero diz-que-viu?”). Imagens são tão mais “reais” que palavras impressas ou ditas. Histórias contadas escondem o contador de histórias, “aquele(a) que pode mentir e, assim, mal informar. Diferente dos mediadores humanos, câmeras (ou assim fomos ensinados a acreditar) “não mentem”, elas “falam a verdade”. Graças à imagem, cada um de nós pode conseguir, como desejou Edmund Husserl³⁷ (que mais que qualquer outro

deveriam validar as virtudes de ser temente a Deus instigando o protagonista a escolher tal vida em vez do mal. Fonte: *Wikipedia*. (N. do T.)

³⁷ Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição *eidética* e *epoché*. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

filósofo foi consumido pelo desejo de encontrar uma maneira à prova de idiotas, livre de erro, de chegar à “verdade da questão?”), *zurück zu dem Sachen selbst* - “voltar às coisas mesmas”. Quando confrontados com imagens

fotograficamente/eletronicamente manipuladas³⁸, parece que nada se coloca entre nós e a realidade; nada que possa apreender ou desviar o olhar. “Ver é acreditar” - significa que “quando eu vir, acreditarei”, mas isso também significa que “eu acredito naquilo que eu vejo”. E o que vemos é *peessoas tentando excluir outras pessoas para evitar que sejam excluídas por elas*. Uma verdade banal para a maioria de nós – embora uma verdade que evitamos, com certo sucesso, articular. A *reality TV* fez isso por nós – e somos gratos. O conhecimento que a *reality TV* divulga seria de outra forma difuso, fatiado em pedaços notadamente difíceis de ordenar e produzir sentido.

Os reality shows

O que (se deliberadamente ou inadvertidamente, explicitamente ou obliquamente) os “*reality shows* da TV” nos ajudam a descobrir, por exemplo, é que nossas instituições políticas, nas quais devemos confiar no caso de problemas e as quais fomos ensinados a ver como guardiãs de nossa segurança, formam – como John Dunn³⁹ recentemente apontou⁴⁰ – uma geringonça ajustada para a manutenção de serviços da “ordem do egoísmo”, e que o principal princípio construtivo dessa ordem é a “aposta no mais forte” - “uma aposta no rico, em algum grau

³⁸ O sentido de “manipulada” não é pejorativo, indicando como “coisa manipulada” algo produzido, feito. (N. do T.)

³⁹ John Dunn: médico psiquiatra inglês, autor do livro *Locke*. São Paulo: Loyola, 2003. (Nota da *IHU On-line*)

⁴⁰ John Dunn, *Setting the people free: The story of democracy*, Atlantic Books 2005, p.161. (Nota do Entrevistado)

forçada sobre aqueles afortunadamente já ricos, mas acima de tudo naqueles com habilidade, fibra e sorte para enriquecer”. Mas na hora da evacuação dos destroços do navio naufragando ou de achar um lugar no bote salva-vidas, a habilidade ou a fibra provam ser de pouca valia. Talvez a sorte seja, então, a única salvação – mas a sorte, sabidamente, é rara e distante quando se trata de destino.

IHU On-Line - As catástrofes climáticas e a deterioração do Planeta criaram algum tipo de consciência ou “medos saudáveis”?

Zygmunt Bauman - A proteção da humanidade contra os cegos caprichos da natureza foi parte integrante da promessa moderna. A moderna implementação desse projeto, no entanto, não fez a natureza menos cega e caprichosa, enquanto focava, ao invés disso, as distribuições seletivas de imunidade contra os seus efeitos. O esforço moderno para amortecer o poder de calamidades naturais segue o padrão da ordem estabelecida e do progresso econômico: se, por desígnio ou por padrão, elas dividem a humanidade em categorias dignas de cuidado e as *unwertes Leben*⁴¹ – medos – o que quer que a causa específica do medo em questão possa significar. Furacões, terremotos e inundações não são casos especiais. Nós conseguimos ser seletivos mesmo na mais verdadeira e complicada verdade dos males naturais: limitação biológica da vida humana. Conforme Max Hastings⁴² descobriu⁴³, “a

⁴¹ Unwertes Leben, do alemão, significa “vida que não tem valor”, “vida inútil”, ou “vida indigna de ser vivida”. Esse conceito é tratado por Bauman em *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1989, no qual fala das vidas que os nazistas consideravam inúteis, aquelas que deveriam ser dizimadas. (N. do T.)

⁴² Sir Max Hastings (1945): jornalista britânico, editor, historiador e escritor. Atualmente, escreve uma coluna para o jornal *The Guardian*. (Nota da *IHU On-line*)

riqueza moderna oferece a cada pessoa a chance de ser um velho maduro. Até o século XX, a doença não respeitava bolsas. A esposa de um grande financista da era vitoriana era quase tão vulnerável às eventualidades de um parto quanto uma empregada da casa. As lápides dos ricos revelam quantos morreram muito antes de sua expectativa de vida. Hoje a ciência médica pode fazer coisas extraordinárias por aqueles que podem pagar. Nunca houve uma lacuna maior entre os remédios disponíveis para os ricos e aqueles ofertados à maioria dos pobres, mesmo em sociedades com sistemas de saúde avançados”.

Estamos direcionados a desastres de origem natural ou artificial, o resultado da guerra moderna sobre medos humanos parece ser sua *redistribuição social* em vez de *redução de volume*. Susan Neiman⁴⁴, a já citada autora de um estudo fundamental da sucessão de imagens de competição e interpretações do mal na história moderna⁴⁵, vai mais longe ao sugerir que a separação estrita dos conceitos de desastres naturais e sociais, anteriormente inseparáveis na idéia da vontade de Deus – uma separação que ocorreu no curso de acalorados debates disparados pelo terremoto e incêndio de 1755 em Lisboa – marca o começo real do “moderno”, precisamente pela tentativa de claramente dividir responsabilidades. Se Iluminismo é a coragem de pensar por si mesmo, é também a coragem de assumir a responsabilidade pelo mundo no qual se está inserido. A modernidade consiste na radical separação que ela faz do que até então se chamava de natural dos males sociais. E ainda seu reforço na história dos desafios modernos soa algo como seu turbulento e encorajador

começo: “Concepções modernas do mal são desenvolvidas em função de parar de culpar a Deus pelo estado do mundo, e tomar a responsabilidade, por isso para nós mesmos. Quanto mais responsabilidade pelo mal foi deixada para o ser humano, menos digna dessa responsabilidade pareceu à espécie. Fomos deixados sem direção. Retornar à tutela intelectual não é uma opção para muitos, mas as esperanças de crescer agora parecem vagas”.

Mal natural. Mal social

Reflete-se sobre qual dos dois males, *natural* ou *social* (e assim candidatos a serem registrados como falta *moral*), tiveram que cobrir uma distância mais longa para poder reuni-los a fim de alcançar mais uma vez, depois de uma separação de dois séculos e meio, seu ponto de encontro... O “mal natural” teve que renunciar a sua “naturalidade”, essa característica que projetou a “natureza”, em oposição à “cultura”, enquanto um fenômeno definitivamente *não* criado pelo homem e desse modo firmemente localizado além do poder humano para desafiar, para consertar e rearranjar ou reformar. A cultura, oposta à natureza, é considerada, entretanto, uma das sucessivas fronteiras designadas da natureza, simultaneamente aos produtos e aos determinantes da própria autolimitação da cultura, como nada mais que linhas de armistício temporárias, definitivamente negociáveis e quebráveis.

A partir do início da era moderna, a cultura ficou sob a fórmula de Voltaire⁴⁶: “o segredo da arte é corrigir a natureza”. Desde que a oposição entre “natureza” e “cultura” foi proclamada, a área na qual a “natureza” foi relutantemente permitida a governar nunca parou de

⁴³ Veja Max Hastings, *They've never had it so good*, *The Guardian* 6 August 2005. (Nota do Entrevistado)

⁴⁴ Susan Neiman (1955): filósofa estadunidense. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ Veja Susan Neiman, *Evil in Modern History: An alternative history of philosophy*, Princeton UP 2002, the Introduction. (Nota do Entrevistado)

⁴⁶ Voltaire (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da *IHU On-Line*)

encolher, tornando-se pouco a pouco uma “derivação negativa” da cultura: um artefato de um atraso lamentável na descoberta de sucessivos “segredos da arte”. Em algum lugar no final da longa estrada à frente surgiu a visão do território temporariamente cedido à “natureza” completamente conquistada, absorvida em um domínio da “cultura” e sujeita exclusivamente ao controle humano (e conseqüentemente passando para a total responsabilidade humana); ficando deste modo indistinta do reino aberto e ameno para os desígnios humanos e para uma “correção” resoluta (mas também vulnerável, como ficou claro depois, aos erros crassos humanos derivados de motivos errados ou negligência).

Para retornar atualmente ao ponto de encontro com desastres naturais, o mal social/moral teve que adquirir, por outro lado, todas as características da sua contraparte das quais foi sistematicamente despojado no momento do seu nascimento conceitual: a tendência de agir aleatoriamente, de atingir culpados e inocentes sem distinção, de ser impossível ou pelo menos extremamente difícil de se antecipar e de ficar além do poder humano de controlá-lo, ignorá-lo ou evitá-lo. Em outras palavras, ele tem que assumir a característica do seu alegado opositor, uma “catástrofe tipicamente natural”: de repente, uma abrupta e radical ruptura na continuidade, uma entrada não anunciada da anormalidade na rotina – mas uma ruptura que foi gestada e amadurecida, não obstante sem ser notada e até sem aviso, dentro da rotina.

Perigos residuais

O itinerário pelo qual desastres naturais passaram antes de atingirem um ponto de encontro com a moral criminosa, é fácil de compreender para pessoas modernas como nós. Ele é desenhado com uma caneta a qual todos nós somos treinados para usar. A sua história é

contada em palavras muito familiares para nós: na linguagem de romper limites, da invasão, conquista, incorporação e colonização. Este itinerário foi antecipado e pretendido desde o começo. Pelo menos desde Francis Bacon⁴⁷, seu destino – o completo domínio da natureza pela humanidade – foi fixado; apenas o sincronismo foi, relutantemente, deixado refém dos caprichos do destino – embora fosse esperado que enquanto os progressos conquistados e a recompensa requerida sempre vem perto do nulo, a extensão dos perigos residuais do “destino cego” serão radicalmente afinados/afilados.

Por outro lado, o itinerário da culpa moral deve ter pegado os homens e mulheres modernos de surpresa. Foi na direção contrária de tudo aquilo que o espírito moderno representa: em uma severa oposição às expectativas, esperanças e intenções comuns, e longe de eliminar a desagradável aleatoriedade, contingência e incompreensão da condição humana, reintroduziu e reafirmou o descuido, o despropósito e o imprevisível, e os estabeleceu nas áreas de presença humana no mundo onde os batalhões mais fortes e as armas mais confiáveis dos conquistadores seguros de si e os frustrados mestres da natureza foram posicionados. Enquanto empreendia a guerra contra os caprichos desumanos da natureza, a modernidade em seu horror veio a expor à arbitrariedade de um caos típico da natureza o “ponto fraco” do empreendimento humano: a gerência da convivência humana, assumida como o óbvio e incontestado domínio da razão, conhecimento (*know-how*) e indústria humana. No início da era moderna, o milenar armistício e a difícil convivência entre a natureza no disfarce divino e suas criaturas humanas

⁴⁷ Francis Bacon (1561-1626): político, filósofo e ensaísta inglês. Sua principal obra filosófica é o *Novum Organum*. (Nota da *IHU On-line*)

foi quebrado, e a frente de batalha foi desenhada entre a natureza e a humanidade. As duas modalidades foram vistas como tudo, menos incompatíveis. Para a humanidade guiada por um propósito, sempre mais eloquente, ambiciosa, e convencida a forçar o mundo a servir a suas ambições, a natureza agora se opôs como o objeto cartesiano se colocou diante do sujeito pensante: inerte, desprovida de propósito, insubordinada, anestesiada e indiferente às aspirações humanas.

IHU On-Line - De que forma os grandes fundamentalismos, responsáveis pelos ataques terroristas e contra-ataques mundo afora, contribuíram para a cultura do medo?

Zygmunt Bauman - Mark Juergensmeyer⁴⁸ analisou a intrincada mistura de religião, nacionalismo e violência eternamente cozinhando em fogo baixo e ocasionalmente irrompendo em hostilidades inter-tribais em Punjab. Focando particularmente no terrorismo Sikh⁴⁹ responsável pela morte de centenas de vítimas, e, entre outros crimes, pelo assassinato da Primeira Ministra da Índia, Indira Ghandi; ele achou o que ele e muitos outros pesquisadores esperavam encontrar antes de embarcarem em seu campo de trabalho: “Jovens Sikhs da zona rural tiveram razões perfeitamente boas para serem infelizes” - sendo que as razões são simultaneamente econômicas, políticas e sociais. Sua produção agrícola teve que ser vendida abaixo dos preços de mercado, sua capacidade de assertividade foi reduzida virtualmente a nada pelas políticas opressivas do Congresso do partido vigente, e sentiram-se implacavelmente

degradados e atrasados em relação às classes abastadas.

Mas Juergensmeyer esperava encontrar também a evidência da “politização da religião”, e para isso ele estudou os ensinamentos do líder espiritual dos jovens militantes Sikhs a quem seus incontáveis seguidores adoram como um santo mártir, Santo Jarnail Singh Bhindranwale. Nesse caso, no entanto, ele se surpreendeu. Ele encontrou nos discursos de Bhindranwale apenas referências residuais e casuais à economia, política ou classe. Em vez disso, o pastor “como a legião de cristãos protestantes revive oradores que passaram pela tradicional zona rural norte-americana... falou das lutas entre o bem e o mal, verdade e falsidade, residentes em cada alma atormentada, e pediu por renúncia, dedicação e redenção. Pareceu que ele estava falando aos jovens rapazes em particular a respeito de seus compromissos naturais com as tentações da vida moderna”.

Intrigado, Juergensmeyer estendeu sua pesquisa para numerosos outros lugares, como Kashmir, Sri Lanka, Irã, Egito, Palestina, assentamentos israelenses onde linhas de frente tribais ou de classes foram delimitadas usando marcadores religiosos e sangue foi derramado em nome de valores ou virtudes sagradas, de vidas pias e santas - e encontrou em todo lugar um padrão impressionantemente similar; não tanto da “politização da religião”, como (na frase dele) *religiosamento da política*. Ressentimentos não-religiosos, como assuntos da identidade social e significativa participação na vida comum, já expressos no vocabulário marxista ou nacionalista, tendem a ser, hoje em dia, traduzidos na linguagem de revelação religiosa: “A expressão ideológica secular de rebelião foi substituída por formulações ideológicas que são religiosas. Contudo os ressentimentos - o sentido de alienação, marginalização e frustração social - são muito freqüentemente os mesmos.”.

⁴⁸ Ver Mark Juergensmeyer, ‘Is Religion the Problem?’, *The Hedgehog Review*, Spring 2004, pp.21-33. (Nota do Entrevistado)

⁴⁹ Sikh: seguidor do Sikhismo, religião originada em Punjab, um estado localizado na fronteira entre a Índia e o Paquistão. Fonte: *Wikipedia*. (N. do T.)

“Religiosamento da política”

Charles Kimball⁵⁰ nota um fenômeno ligado ao “religiosamento da política” também no vocabulário da atual administração [norte]-americana. O presidente Bush, criativamente desenvolvendo a linguagem introduzida na vida política [norte]-americana por Ronald Reagan, gosta de falar de “dualismo cósmico” entre nações boas, lideradas pelos EUA, e as forças do mal: “Você tem que se alinhar com as forças do bem e ajudar a arrancar as forças do mal pela raiz.”. Ele gosta de falar nas aventuras militares [norte]-americanas como de uma “cruzada”, e uma “missão” sob comando divino. Henry A. Giroux⁵¹ cita John Ashcroft, ex-promotor geral dos EUA: “Única entre as nações, a América reconheceu a origem de nosso caráter como sendo divina e eterna, não como cívica e temporal... Não temos rei a não ser Jesus” - e alerta para a entrada massiva do “aparelho/aparato⁵² moral”, políticos que “acreditam que a influência de Satanás molda tudo, da mídia liberal a como Barbra Streisand foi ensinada a cantar” no cenário político [norte]-americano.

Como escreveu o jornalista Bill Moyers, essas “Políticas de ruptura”, nas quais a Bíblia é lida como literalmente verdadeira, a discordância é uma marca do anti-Cristo e os “pecadores serão condenados ao eterno fogo do inferno”. Como a religião direitista se une com a ideologia política conservadora e ao poder corporativo, isso não apenas legitimiza a intolerância e formas antidemocráticas de correção política, mas também assenta as fundações de um crescente autoritarismo que facilmente ridiculariza o apelo à razão,

⁵⁰ Charles Kimball, *When Religion Becomes Evil*, Harper 2002, p.36. (Nota do Entrevistado)

⁵¹ Ver Henry A. Giroux, ‘Rapture Politics’, *Toronto Star* 24 July 2005. (Nota do Entrevistado)

⁵² Aqui “aparelho” no sentido dado ao termo pelos comunistas russos para membro(s) leal(is) do partido. (N. do T.)

às diferenças de opinião, ao diálogo e ao humanismo secular.

Últimos abrigos

No exasperadamente polifônico, confuso e desconcertante mundo em crise, mensagens mutuamente incompatíveis contudo, das quais o principal propósito parece questionar e sabotar a confiabilidade de cada um, a fé monoteísta associada com o maniqueísmo, visões do mundo em preto e branco, são como que a última fortaleza do “mono”: de *uma* verdade, *um* caminho, *uma* fórmula para a vida – de *certezas* e *auto-confianças* sólidas e belicosas; os últimos abrigos, para os perseguidores da clareza, pureza e liberdade, da dúvida e da indecisão. Eles prometem os tesouros que o resto do mundo nega ostensiva e obstinadamente: auto-aceitação, consciência limpa, o conforto de não temer o erro e estar sempre no [lado] certo – assim como Jamiat Ahli Hadith, um pastor “estritamente ortodoxo” baseado em Birmingham, que “pratica uma forma de islamismo que demanda estrito separatismo da sociedade predominante”. Seu *website* descreve os caminhos dos “descrentes” como “baseados em visões doentias e desviadas de acordo com as suas sociedades, o universo e a sua própria existência.”⁵³ Ou como o enclave judeu ortodoxo em Israel, que, na descrição de Uri Avnery⁵⁴, tem “sua própria lógica” e “muito pouco a ver com qualquer outra coisa”.

Eles vivem em uma sociedade teocrática completamente fechada que não é influenciada por nada que acontece fora dela. Eles acreditam em seu próprio mundo... Eles se vestem diferente e eles se comportam diferente. Eles são

⁵³ Ver Martin Bright, ‘Muslim leaders in feud with the BBC’, *The Observer* 14 August 2005. (Nota do Entrevistado)

⁵⁴ Entrevista com Uri Avnery, *Tikkun* September/October 2005, pp.33-39. (Nota do Entrevistado)

pessoas diferentes. Há muito pouca comunicação entre eles e nós. Eles falam idiomas diferentes. Eles têm uma perspectiva diferente do mundo. Eles estão sujeitos a diferentes leis e regras... Estas são pessoas que vivem separadamente, nas suas próprias comunidades, vizinhanças religiosas e cidades em Israel. Eles não têm nenhum contato com a sociedade israelense em geral.

Visão maniqueísta do mundo

Certamente, a visão maniqueísta do mundo, chamada às armas para uma guerra santa contra forças satânicas que ameaçam oprimir o universo, e a redução da caixa de Pandora dos conflitos econômicos, políticos e sociais a uma visão apocalíptica da última batalha de vida ou morte entre o bem e o mal, não são padrões unicamente do Islã dos aiatolás. Em nosso planeta em rápida globalização, o “religiosamento” da política, dos ressentimentos sociais e das batalhas identidade-e-reconhecimento parece ser uma tendência global.

Podemos estar olhando em direções radicalmente diferentes e evitando o

contado visual, mas parecemos ser amontoados no mesmo barco sem nenhuma bússola confiável – e nenhum timoneiro.

Embora nosso enfileiramento seja tudo, menos coordenado, somos fortemente parecidos em um aspecto: nenhum de nós, ou quase nenhum, acredita (não diremos “declara”) estar perseguindo seus próprios interesses – defendendo os privilégios já alcançados ou reivindicando parte dos privilégios outrora negados. Todos os lados hoje parecem lutar, pelo contrário, por valores eternos, universais e absolutos. Ironicamente, nós os residentes da seção da modernidade líquida do globo somos levados gentilmente e treinados a ignorar tais valores em nossas buscas diárias e a ser guiados preferivelmente por projetos de curto prazo e desejos efêmeros – mas ainda assim, ou talvez precisamente assim, tendemos a sentir, contudo, mais dolorosa sua insuficiência ou ausência sempre que (se) tentamos apontar um motivo principal na cacofonia, uma forma na névoa ou uma estrada na areia movediça.